

Mídia, entretenimento e tecnologia em debate: discursos sobre a ciência

Marcos Vieira

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).
Graduado em Comunicação Social, habilitação Relações Públicas, pela UERJ.

Em seu terceiro livro, *Comunicação e ciência: estudos de representações e outros pensamentos sobre mídia*, Denise da Costa Oliveira Siqueira analisa os discursos sobre ciência, tecnologia e cultura nos meios de comunicação. Professora e pesquisadora da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), a autora estuda as representações, seja no campo das relações entre comunicação, arte e corpo, seja nos discursos sobre ciência, mídia e cultura.

Nesta obra, Denise Siqueira lança um olhar transdisciplinar sobre os discursos a respeito da ciência, que já não se limitam aos meios acadêmicos ou especializados, mas também atingem variados veículos de comunicação de massa, entre eles: a televisão, o cinema de ficção científica e os desenhos animados. Para Siqueira, os meios de comunicação atuam como mediadores entre a informação produzida nos meios científicos e o público e, assim, nos recontextualizam e filtram aquilo que melhor atenda aos seus formatos e interesses.

Publicado pela Eduerj, o livro divide-se em duas partes, cada uma composta de quatro artigos, desenvolvidos ao longo de anos de estudos sobre as representações da ciência e da tecnologia nos meios de comunicação de massa.

O primeiro bloco, chamado *Discursos e imagens de ciência nos meios de comunicação*, tem início com uma discussão a respeito das representações do corpo no cinema de ficção científica. Originada na literatura européia e propagada com os livros do inglês H. G. Wells e do francês Júlio Verne, a ficção científica teve, desde o início, a ciência como fonte de inspiração (SIQUEIRA, 2008, p. 19).

Mas, como aponta Siqueira, é preciso saber distinguir ciência e ficção científica, pois, segundo a autora, a primeira é para a segunda um personagem, e não um método (Ibidem, p. 20). Nesse contexto, aponta a apropriação superficial, tendenciosa e fantasiosa da ciência feita nas narrativas de ficção, que a mesclam com o poder mágico do mito, construindo um imaginário mítico sobre a ciência. E mostra – pelo estudo de filmes como *Metrópolis*, *Blade Runner*, *Alien 4* e *Frankenstein* – a forma pela qual a ficção científica representa o corpo: como objeto e alvo de poder, pelo qual o homem procura aumentar sua própria força sobre a natureza, interferindo no próprio processo evolutivo. Para Michel Foucault (1989), o corpo é alvo de poderes que visam a discipliná-lo e torná-lo útil, aprimorando-o e corrigindo suas imperfeições. Este aprimoramento, além de docilizar e dominar o corpo e suas forças, torna-os obedientes e voltados ao uso puramente racional, diferindo o corpo do homem civilizado do corpo do selvagem. Esta tensão entre o corpo controlado e o bestial é bem explorada por Siqueira na sua análise das representações do corpo nos filmes de ficção científica.

No segundo artigo, *Ciência e poder no universo simbólico do desenho animado*, a autora discorre sobre as representações da ciência como expressão de força e poder, atuando num contexto no qual a violência assume papel significativo. Ela destaca a importância dos estudos de recepção e da noção de que é preciso que o público tenha uma certa predisposição a aceitar determinadas idéias. Mas não descarta os efeitos da comunicação de massa sobre o público dos desenhos animados, predominantemente infantil – e ainda em formação – e aponta a faixa etária, o tempo de exposição e as mensagens de apoio na publicidade como fatores que influenciam a formação do imaginário deste público. A partir de histórias recheadas de violência, as animações ensinam um brincar baseadas em mensagens repetitivas e pouco associadas ao desenvolvimento do olhar crítico e da criatividade.

Siqueira prossegue, em seu terceiro artigo, *O cientista na animação televisiva*, com um reforço à importância do brincar. Segundo ela, “entender o entretenimento promovido pelos meios de comunicação como mera forma de divertimento é ignorar que o divertimento e a brincadeira transmitem conceitos, idéias e mensagens, consolidam formas de pensar, ideologias e hábitos” (SIQUEIRA, 2008, p. 45). Nesse contexto, critica meios de comunicação de massa como o cinema, a televisão e a internet, que desperdiçam um imenso potencial para a transmissão de saber, de conhecimento e divulgação científica, ao passo que valorizam a manutenção comercial de canais e produtoras. A animação televisada, com todo seu potencial para promover o interesse e a criatividade, limita-se – como demonstra a autora em seus estudos sobre a representação do cientista nos desenhos animados – a reproduzir estereótipos maniqueístas e excludentes, sem valorizar o pluralismo e o pensamento crítico.

A primeira parte do livro termina com o artigo *Um discurso sobre tecnologia na televisão*, que analisa o papel deste veículo como mediador entre o público e as idéias por ele transmitidas. E, novamente, aponta para os discursos implícitos, muitas vezes sensacionalistas, de afirmação do consumo e do próprio hábito de assistir TV. Segundo a autora, alguns programas de televisão, ao procurar adaptar a linguagem conceitual à jornalística, selecionando o que parece mais

atraente e interessante ao espectador, “parecem pretender transformar a ciência em ficção científica” (SIQUEIRA, 2008, p. 67). A fim de desvendar a linguagem implícita por trás desses programas, Siqueira propõe um exercício de análise de discurso, baseado nos métodos de Mikhail Bakhtin, que trata da polifonia dos discursos, e de Roland Barthes, com sua descontextualização do texto.

A segunda parte do livro trata de *Comunicação, tecnologia e cultura*. Em seu primeiro capítulo, *Jornalismo, memória e sociabilidade no universo tecnológico*, a autora discute a efemeridade da memória frente ao encontro entre tecnologia digital e comunicação. Segundo ela, os meios de comunicação de massa, como o jornalismo, alimentam-se de uma lógica do esquecimento e do consumo de informações: “afinal, é preciso esquecer rapidamente para consumir novas informações” (Ibidem, p. 73). Numa sociedade que valoriza características como rapidez, fragmentação e transitoriedade, a própria informação se torna um bem perecível, uma vez que é produzida a uma velocidade maior do que pode ser consumida. É, por isso, produzida de maneira fragmentada, a fim de facilitar seu consumo, cada vez mais superficial e imbuída de valores transitórios, fadados ao consumo (Ibidem). A necessidade de consumir cada vez mais rápido a informação obriga a sociedade a uma eterna busca por estar informado – mesmo que de forma superficial – sob pena de juntar-se ao grupo dos excluídos, à margem dos benefícios e comodidades da tecnologia.

O avanço da tecnologia informacional promove novas formas de sociabilidade, como as “comunidades virtuais”, com convenções, regras e punições próprias. Estas comunidades, que se encontram tanto em *chats* quanto em serviços de relacionamento como *Orkut e Second Life*, propiciam a associação em tribos, reforçada por sentimentos de pertencimento, do tipo apontado no estudo *Autour des communautés et des réseaux de télécommunications*, citado pela autora (CASALEGNO, KAVANAUGH apud SIQUEIRA, 2008, p. 76). Estas tecnologias, que já não podem ser consideradas novas, mas ainda modificam constantemente o modo do homem se relacionar com o mundo, propiciam novas formas de sociabilidade e de inserção no espaço e no tempo, já não mais lineares, mas fragmentados.

Para a autora, o ambiente comunicacional multimídia propicia um tipo de comunicação que já não parte de cima, verticalmente, mas pode ser produzido e consumido por muitos, a velocidades cada vez maiores, e de maneira cada vez mais transitória e descentralizada. Estas novas relações, como mostra Siqueira, transformaram o perfil de mídias como o jornal, que ao se transportar para o meio digital, fora do suporte material, torna-se um novo meio de veiculação de notícias. Nele, o jornalista já não é necessariamente o formador de opinião, mas um transmissor de informações em volumes e velocidades cada vez maiores. O leitor, por sua vez, já não é obrigado a comprar todo o jornal, como no caso do impresso, mas tem a “liberdade” de escolher, de maneira fragmentada, somente o que lhe interessa.

Diante destas mudanças, a autora põe em questão a “liberdade” de navegar por um ambiente no qual a memória, enfraquecida, está ainda mais sujeita a ser apagada, sem deixar rastros, ou manipulada a ponto de perder seu valor e

credibilidade como registro. Isso se evidencia no caso das biografias, assunto do capítulo seguinte, *Do oral ao hipertextual: a biografia na produção cultural contemporânea*. Neste capítulo, Siqueira discute a formação das redes de informação como um “conjunto de memórias digitais ligadas entre si” (SIQUEIRA, 2008, p. 87). E compara este modelo ao pensamento de McLuhan, que caracteriza os meios de comunicação como extensões do homem. Segundo o autor, “o mito é a contração ou implosão de qualquer processo e a velocidade instantânea da eletricidade confere dimensão mítica a todas as corriqueiras ações sociais e industriais de hoje. Nós vivemos miticamente, mas continuamos a pensar fragmentariamente e em planos separados” (McLuhan, 2005, p. 41). Também cita o conceito de “reencantamento do mundo”, usado por Maffesoli, como um espaço privilegiado para a propagação de mitos, de contra-racionalidades, típico da cultura do mundo pós-moderno. Esse privilégio do informal, do “causo” e da importância de vigiar a vida alheia, de “conhecer” o outro, de produzir “celebridades”, mesmo que fugazes, está presente nas biografias escritas, no cinema, na televisão, nos *reality shows* (cada vez mais abundantes e variados) e até mesmo na exposição em *blogs* e comunidades virtuais.

As biografias comerciais, muitas vezes escritas por jornalistas, privilegiam, na maioria dos casos, as pessoas aos fatos, fazendo da fama um fator de status. E tomam liberdades, expõem ou omitem fatos, sem o rigor metodológico de uma biografia acadêmica. Fazem uso de uma licença poética que romantiza as narrativas de vidas de personagens que se tornaram, como escreve Siqueira, “*habitués* dos meios de comunicação de massa” (2008, p. 89).

Os dois últimos capítulos, *Técnicas, novas tecnologias, culturas: alguns conceitos e Informação*, objeto de estudo e de consumo, propõem uma reflexão sobre conceitos. A informação, conforme mostra a autora, tanto pode ser esclarecedora e socializadora como alienante. O discurso dos meios de comunicação de massa, apoiado nas facilidades e comodidades proporcionadas pela tecnologia, bombeia informações em diversas mídias, levando o público a seu consumo imediato, sob pena de não manter-se a par das novidades.

Nesse ponto, podemos recorrer à *Dialética do esclarecimento*, de Adorno e Horkheimer, e à reflexão de que “o que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica é hoje a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma” (1985, p. 114). Não se trata, porém, de assumir uma postura tão radical quanto a frankfurtiana em relação à Indústria Cultural. Mas é preciso considerar o jogo de forças e de influências atuantes entre produtores e consumidores da informação, tomada como bem simbólico e sujeita a valores de mercado. Nesse ponto, Denise ressalta que “quanto mais referências e fontes de informação tiver a audiência, mais crítico será seu olhar” (2008, p. 68). A informação está, portanto, sujeita a diversos filtros culturais, não só os da mídia, mas também os do público.

Em vários momentos, ao longo dos artigos reunidos neste livro, Siqueira assinala o potencial pedagógico e formador dos meios de comunicação de

massa, seja nos meios jornalísticos, nos ambientes multimídia ou na indústria do entretenimento. Mas aponta para o uso despreocupado desses meios e suas representações limitadoras, excludentes ou preguiçosas, que pouco ou nada se empenham em retratar o “real” em sua amplitude e riqueza. Estereótipos, mitificações e idealizações maniqueístas desperdiçam discursos de alto valor educativo, valorizando mais os ideais de mercado e a manutenção do consumo da informação de maneira fragmentada e superficial. Figuras de fácil identificação e influência sobre crianças e jovens, os cientistas são representados de maneira caricata, pobre em conteúdos simbólicos, sem que seja explorado o potencial pedagógico e estimulante da capacidade criativa do observador. Da mesma forma, a ficção científica, longe de preocupar-se em dar explicações plausíveis para os acontecimentos “previstos” em suas narrativas, mitifica o corpo como forma de superação da natureza, tornando-o centro e alvo de poder simbólico numa conjuntura de violência e desconfiança em relação aos avanços da ciência.

Nesse contexto, o trabalho de Denise Siqueira, longe de encerrar esta discussão, abre espaço para uma abordagem crítica sobre a importância dos discursos midiáticos na construção do imaginário, do hábito e da memória coletiva. Através dos programas de televisão, filmes, matérias jornalísticas e ambientes hipermidiáticos, perpetua-se, cada vez mais, uma lógica de mercado onde o valor da informação é medido pela sua velocidade, imediatez e valor de consumo, e não pela proximidade com o real. Os conteúdos repetidos à exaustão na mídia, reificados na conjunção de discursos jornalísticos, publicitários ou mesmo no senso comum acabam por se impor à memória coletiva, influenciando e sendo influenciados por ela, tornando-se cada vez mais comuns e de fácil identificação. “Deriva daí a importância dos discursos midiáticos na construção de imaginários: as noções que equivocadamente repetem podem se tornar aceitáveis” (SIQUEIRA, 2008, p. 68).

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *A Indústria Cultural: o esclarecimento como mistificação das massas*. In: _____. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

MAFFESOLI, Michel. *A contemplação do mundo*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. 14ª ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. *Comunicação e ciência: estudos de representações e outros pensamentos sobre mídia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.